



# IMPRESSÕES DO CINEMA AFRICANO

Raymundo Souza Dantas

**N**ÃO SE PODE afirmar que exista, propriamente, um cinema de expressão africana, cuja especialidade o distingua de qualquer outro, como acontece, por exemplo, com o cinema japonês. Há, isso sim, filmes inspirados em coisas africanas, produzidos em massa, notadamente pelos europeus, que em sua maioria enfatizam o exótico e o etnográfico, muitos deles responsáveis pela visão distorcida de um mundo e de um povo. Não se pode negar, no entanto, a existência de importantes realizações da parte dos africanos, quer em curta, quer em longa-metragem, com características próprias, prefigurando o que no futuro será o seu verdadeiro cinema.

Entre os cineastas mais em voga, responsáveis por estas realizações consideradas importantes, estão Paulin Vieyra, Ousmane Sembène, Blaise Senghor, Yves Diagne, Thomas Coulabaly, todos senegaleses. Contando com poucos recursos, eles procuram projetar o seu novo cinema, oferecendo filmes realizados em condições artesanais as mais precárias. Sobre as excelências desses filmes, dizem os prêmios que conquistaram no exterior e na própria África, nos mais diversos festivais. Enquanto não contarem

com meios e organização adequada, não se poderá falar, todavia, em cinema nacional em qualquer país do continente negro, desde que ele não conta com as condições necessárias para sua afirmação como arte nem para seu desenvolvimento como indústria.

Na verdade, entre todos os continentes, talvez seja a África o único a não possuir, ainda, uma infra-estrutura cinematográfica própria. É quase que absoluta a falta de meios, como também de organização voltada para o cinema. Em quase todos os seus aspectos, aliás, o cinema é uma realidade estrangeira, alheia aos interesses africanos. Apenas alguns países (Nigéria, Senegal, Mali, Gana) contam com laboratórios, estúdios, técnicos, dos quais, aliás, pouco se valem os tenazes pioneiros do cinema de expressão africana. Apesar, no entanto, dessa penúria de meios e de recursos, os jovens cineastas, impondo seus valores próprios e sua ambição criadora, vêm produzindo obras marcantes, dentro do complexo cultural do continente, nesta altura de sua evolução social e política. Preocupam-se eles, principalmente, com a vida contemporânea, fazendo um cinema de vanguar-

da, inspirado no real imediato, sem, no entanto, ignorar tradições. Seus filmes, pela sua temática, são uma síntese de suas preocupações atuais e de seus problemas seculares. Quer nos documentários, quer nas obras de criação, está presente esta preocupação maior, sejam produzidos no Senegal ou em Gana, na Nigéria ou na Costa do Marfim, no Quênia ou na República Centro-Africana.

Não seria necessário, por exemplo, registrar que não existe apenas uma África, mas várias, projetando cada qual suas particularidades étnicas. Em sua extrema variedade, porém, prevalece um só contexto de civilização. Todas essas Áfricas, pois, em sua diversidade étnica, falam uma só língua artística. Esse importante fato é identificado, principalmente, quando se estuda sua escultura. Variadíssimos são os seus estilos, buscando os africanos, através deles, objetivar uma concepção do mundo e das coisas que, em essência, é geral.

O mesmo se pode aplicar ao cinema, salientando-se que, em sua multiplicidade de estilos, procura o cineasta africano, da mesma forma que o escultor, uma estética própria, através da qual melhor possa realizar-se. Citaria, dentro



Três títulos expressivos do novo cinema africano (da esquerda para a direita): Cabascabo, de Ousmaru Ganda (Nigéria), Le Mandat e La Noir de..., ambos de Ousmane Sembène (Senegal).

dêsse espírito, o notável documentário do senegalês Yves Diagne, *Les Chemins de l'Afrique*, sobre a escultura negro-africana, buscando registrar a sua multiplicidade, ao mesmo tempo que a sua filosofia, que é uma só. Outro que procura registrar os valores de sua civilização e de sua gente é Paulin Vieyra, autor de mais de vinte curtas, infelizmente inteiramente ignorados em nosso país, como, aliás, acontece às obras dos demais cineastas africanos. Há, ainda, Blaise Senghor, de quem já ouvimos falar no Brasil, realizador de *Grand Magal à Touba*, e também Ababaka Samb, autor de *Et la Neige n'Était Plus*, além dêsse outro valor senegalês, Mamar Thiam, pioneiros que fazem a fortuna de vanguarda do continente africano. Entre todos, o grande temperamento, para quem as dificuldades e os empecilhos não contam, é Ousmane Sembène, que tem em sua lista de realizações filmes como *Niayes*, *Borrom Sarret* e *La Noir de...*, sobre quem fala Paulin Vieyra, dizendo que suas produções se caracterizam por uma técnica de narração que nada tem a ver com o espírito do método ocidental, prevalecendo uma óptica essencial africana, cuja originalidade o distingue de cine-

astas de outros países e de outras civilizações.

Limitei-me, até aqui, a referir-me ao cinema senegalês, citando nomes que considero representativos. Seria uma falha, por exemplo, não falar sobre os nigerianos, os quais, aliás, contam há mais de trinta anos com estúdios, laboratórios e, até, escola de formação de profissionais. Não se tem notícia, contudo, que algum filme de expressão nacional, mesmo depois da Independência, tenha sido rodado valendo-se dessa organização, usada apenas para a feitura de documentários de caráter educativo. O Mali também conta com alguma coisa, da mesma forma que a República Centro-Africana e ainda o Estado de Gana. Nenhum deles, diga-se de passagem, com a mesma efervescência que o Senegal, produtor dos mais arrojados, a quem a África deve, sem contestação, os melhores filmes.

Haveria, por outro lado, muito o que dizer sobre o cinema de inspiração africana, rodado por produtores estrangeiros. Não se poderia afirmar que seja totalmente prejudicial aos interesses e à cultura africana. Ai estão os documentários de Jean Rouch, que testemunham,

a um só tempo, sobre o que vai desaparecendo como também o que vai se transformando na África, enfim, sobre o continente em evolução. Citaria dêle *Moi*, *Un Noir*, como um dos mais característicos, e mais *La Pyramide Humaine*, através do qual procura exprimir o que pensam os africanos de hoje. São apontados como clássicos os filmes feitos por Sean Graham, em Gana. Um deles, *High Life*, produzido nas ruas de Acra, ao ritmo da música popular local, que dá título ao filme, deixa entrever, até certo ponto, o que poderá ser o cinema ganense de expressão africana, inspirado em hábitos e costumes do povo, mas acessível a todos os públicos do mundo, como mensagem e revelação.

Seria o caso de dizer, finalmente, que a câmara usada pelos africanos ganhou um caráter de participação, a partir da Segunda Grande Guerra. Pelos seus filmes, temos informação ao vivo dos problemas, reações e ambições africanos, nesta fase de sua evolução, marcada pelas afirmações de autonomia e independência dos novos Estados. É um cinema atuante, agressivo, sempre preocupado em afirmar o humanismo negro-africano.